

## ANÁLISE CONTRASTIVA DO USO DOS PRONOMES PESSOAIS EM ESPAÑHOL E PORTUGUÊS EM TEXTOS DE “MAFALDA”

Jamilson José ALVES-SILVA (LAEL/PUC-SP – Universidade Ibirapuera)  
jamjas@uol.com.br

**ABSTRACT:** *This article aims to analyse the occurrence of personal pronouns in texts of Argentinean character Mafalda. In the light of Systemic-functional Grammar, a few questions shall be raised about what elements contribute to the occurrence of personal pronouns in both languages, mostly in the question of the Hallidayan Reference concept.*

**KEYWORDS:** *Linguistics; Personal Pronouns; Spanish; Portuguese; Reference.*

### 0. Introdução

Na América Latina, devido à intensa relação entre brasileiros e hispano-americanos, utiliza-se uma espécie de *pidgin* denominada *portunhol*. Para evitar seu uso, tornou-se fundamental encontrar os principais pontos de estrangulamento para os aprendizes de espanhol no Brasil e de português nos países hispano-americanos, sobretudo depois do interesse despertado pelo ensino da língua espanhola no Brasil com a criação do Mercosul. Devido a esse interesse que se tem intensificado de forma rápida, é notória a necessidade de desenvolvimento de estudos dos dois idiomas, já que o mercado brasileiro conta com poucos materiais dirigidos a aprendizes de espanhol luso-falantes. Tenho notado, em minha experiência docente com os dois idiomas, que o conceito de *interlíngua* de Selinker (1972) tem suas dimensões aumentadas quando se trata do contato entre esses dois idiomas, já que, para os brasileiros, o espanhol não é simplesmente uma língua estrangeira, mas uma língua *especialmente estrangeira*, devido à proximidade. O risco de fossilização de erros e de *criação de formas híbridas* é algo relevante que deve ser levado em consideração por professores e aprendizes.

Um dos pontos que mais me tem chamado a atenção no contato com os dois idiomas em minha experiência docente é a questão dos pronomes pessoais. Independentemente do que as gramáticas normativas de ambos os idiomas prescrevam, em seu funcionamento real e independente, o espanhol e o português do Brasil apresentam o que Maia González (1994:147) denomina como “um distinto tipo de assimetria no que diz respeito à expressão dos argumentos sujeito e complemento”. Assim, este estudo é o resultado de um duplo trabalho. Por um lado, uma reflexão sobre como se dá a presença de sujeitos pronominais no uso corrente dos dois idiomas em questão e, por outro, como se realizam as referências aos objetos, sejam diretos ou indiretos.

## 1. Fundamentação Teórica

Segundo Duarte (1999:24), em espanhol e em português, as terminações dos verbos indicam as diferentes pessoas gramaticais e, por essa razão, o pronome sujeito não aparece. Porém, os falantes do português costumam utilizar os pronomes sujeito muito mais que os falantes do espanhol. Além disso, a autora também se refere aos pronomes complemento, afirmando que no português coloquial é freqüente o uso do pronome de segunda pessoa *tu* com a forma *você* e que, diferentemente do português coloquial do Brasil, não se usam formas pronominais de sujeito ocupando função de objeto em espanhol. De fato, não seria de se estranhar que, em uma conversa espontânea, um brasileiro produzisse formas como *Manda ele lá* ou *Mandaram eu vir aqui*.

Sobre o uso dos pronomes sujeito em espanhol, Cabral & Bruno (1997:15) caracterizam três únicas situações em que os sujeitos devem aparecer pronominalmente, a saber: 1) quando se quer insistir sobre a idéia de pessoa (*Yo no me llamo Denise, me llamo Regina!*); 2) para evitar equívocos, principalmente no uso das terceiras pessoas e das segundas pessoas *tu/usted/ustedes* (*¿Cómo se llama usted?*); para estabelecer contraste entre duas pessoas distintas (*Yo soy ingeniero, y tú?*). Se não se cumprem nenhuma das três condições expostas pelas autoras, o sujeito castelhano será resgatado pela desinência verbal ou pelo contexto, não devendo aparecer pronomes pessoais do caso reto.

Maia González (1994) investigou em sua tese de doutorado um contraste sistemático entre a ocorrência de pronomes pessoais átonos e tônicos nas línguas espanhola e portuguesa. O tema foi abordado sob a perspectiva do processo de aquisição-aprendizagem do espanhol por alunos brasileiros. Aqui serão tratados os efeitos estilístico e, sobretudo, referencial dos fenômenos relacionados à questão pronominal na tradução de um texto do espanhol para o português brasileiro. Para começar, far-se-ão algumas análises de uma tira inteira que nortearão este estudo e servirão de primeira reflexão.

Felipe> Regalito de primavera.

Felipe> Presentinho de primavera.

Mafalda> ¡Qué linda flor! Gracias, Felipe.

Mafalda> Que flor bonita. Obrigada, Felipe.

Mafalda> ¿Dónde te parece que la ponga?

Mafalda> Onde você acha que eu devo colocar?

Felipe> Ha sido como regalarle un terrón de azúcar a Fidel Castro.

Felipe> Foi como dar um torrão de açúcar ao Fidel Castro.

Os dois primeiros pares da historieta em questão apresentam uma tradução bastante literal (e, note-se, não há pronomes pessoais). O terceiro apresenta o pronome objeto indireto átono *te* referido ao interlocutor (no caso, Felipe, o amigo de Mafalda) e o pronome objeto direto *la*, que é a retomada anafórica pronominal de *la flor*. A tradução ao português revela a tendência desta língua a explicitar sujeitos pronominais. O objeto indireto *te* da oração original foi transformado em *você* e passa a ser sujeito. Mesmo sendo tal pronome informativamente desnecessário pelo contexto em que se dá, ele aparece - Fanjul (1999:137). Já a forma *la*, objeto direto do verbo *poner* (pôr) é suprimida na sua correspon-

dente em português, deixando implícito o objeto e, embora a norma culta do português recomende o uso de tal pronome, qualquer falante do português do Brasil repõe mentalmente *a flor*, sem necessidade de que se explicito o pronome *a*. Trata-se de um caso de referência endofórica anafórica - Barbara & Gouveia (2001:3) em que não aparece o pronome objeto, o que pode ser considerado um caso de *anáfora zero*. O quarto par traz como informação relevante a duplicação pronominal do objeto indireto em espanhol que, além de ter seu uso muito estendido no mundo hispânico, é reconhecido pela gramática normativa. Aparecem o pronome *le* e a expressão *a Fidel Castro*, ambos ocupando a mesma função sintática na oração, o que sugere que os pronomes átonos em espanhol podem ter, algumas vezes, uma existência parasitária. Nota-se que na tradução ao português, manter o pronome átono ocupando concomitantemente a mesma função de outro(s) elemento(s) da oração seria, se não impossível, raro.

Em outras palavras, a questão que se nos apresenta quanto a estes dois idiomas não é outra senão a da “Referência”. Halliday (1985:309) define tal conceito como “um elemento colocado em um lugar no texto que pode ser tomado como um ponto de referência para algo que vem a seguir. No mais simples dos casos, isto significa a volta de um mesmo elemento”, como no caso do pronome *la* em espanhol do exemplo anterior ou da ausência de tal pronome objeto em português.

Assim, se pensarmos na questão dos sujeitos pronominais, embora os dois idiomas sejam *pro-drop*, é mais provável que apareça um pronome nesta função em português que em espanhol. Para analisarmos a questão da referência em nossos idiomas, consideremos o exemplo proposto por Barbara & Gouveia (2001:6), extraído do jornal brasileiro *Folha de São Paulo*:

**Justo Calisto** voltou à varandinha. Deitado na rede,  $\emptyset$  esperou o sono,  $\emptyset$  esperou o próximo fim-de-semana... No começo da tarde deste domingo, **ele** abriu a gaiola: os dois pássaros voaram na mesma direção.  $\emptyset$  Enrolou a rede em que  $\emptyset$  dormira mais de vinte anos e  $\emptyset$  saiu de casa.  $\emptyset$  Percorreu a pé o caminho que o separava da beira do rio. Agora, no alto da colina, **ele** pensa no que vai acontecer, no que pode acontecer... Ao divisar o barco vermelho, **ele** desceu a colina e  $\emptyset$  aproximou-se da canoa. Mais perto **dele**, mais perto da margem, o barco diminuiu a marcha e parou. Então **ele** viu o rosto da mulher, e quase ao mesmo tempo  $\emptyset$  leu o nome de um rio na quilha vermelha, o rio em que **ele** nascera. **Justo Calisto** teve a impressão de que esta seria a última viagem, a última passagem do barco vermelho... **Ele** não acenou para a mulher. (João Gilberto Noll, “Açaí e Acerola”, 10-04-94. Editora: mais!, p. 6)

Vejamos como seria a passagem deste trecho ao espanhol:

Justo Calisto volvió a la terracita. Acostado en la hamaca,  $\emptyset$  esperó el sueño,  $\emptyset$  esperó el próximo fin de semana... Al comienzo de la tarde de ese domingo,  $\emptyset$  abrió la jaula: los dos pájaros volaron hacia el mismo lugar.  $\emptyset$  Enrolló la hamaca en la que  $\emptyset$  había dormido más de 20 años y  $\emptyset$  salió de casa.  $\emptyset$  Recorrió a pie el camino que lo separaba de la orilla del río. Ahora, en la cima del monte,  $\emptyset$  piensa en lo que va a suceder, en qué puede suceder... Al divisar el barco rojo,  $\emptyset$  se bajó el monte y  $\emptyset$  se le acercó al bote. Más cerca de la orilla, el barco redujo la marcha

y paró. Entonces ø vio el rostro de la mujer y casi al mismo tiempo ø leyó el nombre de un río en la quilla roja, el río en que ø había nacido. ø Tuvo la impresión de que éste sería su último viaje, el último paso del barco rojo... ø No le hizo ademanes a la mujer.

Tomando o exemplo anterior e seu correspondente em espanhol, nota-se que a presença do pronome *ele* é uma referência endofórica anafórica *deployed* - Barbara & Gouveia (2001:12) e a presença ou não do pronome-sujeito pode atribuir-se a uma questão estilística, visto que há sete pronomes referidos a Justo Calisto e oito casos de omissão e que, ademais, todas as ocorrências do pronome poderiam ser substituídas por uma referência vazia – referência endofórica anafórica *not deployed* - Barbara & Gouveia (2001:12). Em espanhol, a presença do pronome *él* seria impossível, pois, em qualquer lugar onde aparecesse, indicaria uma mudança de sujeito, não uma referência a um sujeito anterior.

Por outro lado, segundo Maia González (1994:126), “uma das questões de maior interesse quando se focalizam os pronomes átonos, especialmente em função de objeto direto, é enfatizar que o espanhol, que admite anáfora zero de sujeito, não admite anáfora zero de objeto. Ou seja, quanto ao seu sistema referencial, espanhol e português tendem a deixar vazias diferentes categorias: a primeira, a do sujeito e, a segunda, a do objeto. Para os exemplos desta autora *Dijo que me dio la llave pero no me la dio* e *Me preguntó si yo sabía dónde estaba la catedral, pero yo no lo sabía*, qualquer falante do português brasileiro compreenderia o processo de referência existente no texto, caracterizado também como um caso de referência endofórica anafórica *not deployed*. Assim, no português brasileiro teríamos *Disse que me deu a chave, mas não me ø deu* e *Me perguntou se eu sabia onde estava a catedral, mas eu não ø sabia*.

## 2. Metodologia

Como já explicitado, para descrever e explicar as relações que se estabelecem na construção de um determinado objeto significante, no caso, as tiras da personagem argentina Mafalda, há a necessidade de se proceder a recortes. As tiras analisadas para este estudo foram extraídas de diferentes trechos da publicação “Toda Mafalda”, que contém todas as tiras em ordem cronológica. O *corpus* analisado constitui-se em várias tiras dessa personagem, escritas entre 1964 e 1973. Porém, suas traduções no Brasil são mais recentes, já que se trata de textos publicados em diversos jornais no mundo inteiro, em outros 25 idiomas além do português; ou seja, trata-se de um êxito editorial, condição por mim considerada fundamental. Suas traduções foram feitas, em geral, depois dessas datas. Pelo fato de tratar-se de histórias breves e de Mafalda ser criança, há muitos elementos da oralidade ou de uma escrita com características informais, uma vez que, conforme o dito na introdução, o foco analítico deste estudo são as línguas espanhola e portuguesa sob o prisma da funcionalidade, não o da gramática normativa.

## 3. Descrição dos resultados

Quadro I: apagamento do objeto pronominal e acréscimo de sujeito pronominal em português

1. Entonces cuando $\emptyset$ <u>lo</u> termine no tendré que...	1. Então quando <u>eu</u> $\emptyset$ terminar não vou ter que...
2. ¡ $\emptyset$ Te juro que siendo tan chiquita $\emptyset$ no quería, mamá!	2. <u>Eu</u> sou tão pequena, mamãe, $\emptyset$ juro que não queria!
3. No, Manolito, $\emptyset$ ya <u>te</u> dije que no.	3. Não, Manolito, <u>eu</u> já $\emptyset$ disse que não.

Nas orações do quadro I, pode-se observar a presença de sujeito pronominal em português. No primeiro e no terceiro casos, a forma pronominal *eu* ocorre junto a formas verbais que poderiam, em algum contexto, causar ambigüidade (“quando eu terminar, quando ele/ela/você/a gente terminar”; “eu já disse, ele/ela/você/a gente disse”). Os pronomes aqui citados são de uso muito comum em português e o uso de uma mesma forma verbal para tantos pronomes diferentes pode ser um elemento contribuidor ao aparecimento de pronomes pessoais do caso reto na versão em português (já que, como se pode notar, não há tais pronomes nas orações equivalentes em espanhol). O sujeito do segundo exemplo possui uma forma verbal que não traria ambigüidade alguma caso o pronome não aparecesse (*sou/eu sou*); esta ocorrência faz-nos pensar que a presença do pronome sujeito também é uma questão estilística e de uso; e é justamente esta *tendência* um dos principais pontos presentes na utilização do *portunhol* (o *pidgin* citado na introdução deste trabalho).

Com relação ao mesmo quadro, não podemos desconsiderar a questão dos objetos e a omissão pronominal na versão em português. Sejam objetos diretos (*lo*, do primeiro exemplo), sejam indiretos (*te* nos demais casos), nota-se que tais pronomes foram deixados de lado na passagem do texto para o português. Pensando na questão do uso, seria muito formal se aparecessem os pronomes equivalentes em português: “quando eu o terminar”, “juro-lhe” e “eu já lhe disse”. A escolha do pronome pessoal do caso oblíquo átono *lhe* para este comentário (e não *te*) deve-se à concordância com a forma de tratamento *você*, mesmo observando-se que, conforme o comentado na seção *Quadro Teórico*, os falantes do português do Brasil misturam as formas *te* e *você*, ainda que a gramática normativa não abone tal uso.

Quadro II: ausência de pronome sujeito em espanhol e acréscimo de pronome sujeito em português

1. ¿Cómo es que $\emptyset$ no vas al jardín de infantes, Manolito?	1. Por que <u>você</u> não vai para o jardim da infância, Manolito?
3. Y... $\emptyset$ trata de no dejarme ver...	3. <u>Ele</u> ... tenta me impedir...
4. ¿ $\emptyset$ Has pensado qué vas a ser cuando seas grande?	4. <u>Você</u> já pensou no que vai ser quando for grande?
5. Hay tiempo... ¿Y si cualquier día se arma una guerra atómica y $\emptyset$ espichamos todos?	5. Tem tempo pra isso. E se houver uma guerra atômica e <u>a gente</u> explodir?
28. ¿Mafaldita, $\emptyset$ dormís?	28. Mafaldinha, <u>você</u> está dormindo?

Conforme o que pode ser verificado no quadro acima, há mais pronomes na tradução do sujeito para o português. Dos 5 pares mostrados como exemplo, há a ocorrência do pronome *você* em 3 delas. Estes casos correspondem à ocorrência do sujeito *vos* em espanhol, que não apareceu em sua forma pronominal em nenhum dos casos apresentados. Há 1 ocorrência do pronome *ele*. No par 2, faz-se anáfora zero com relação ao *pai* de Mafalda;. Das ocorrências da forma *a gente* (par 4), não se verifica nenhum sujeito pronominal nas suas correspondentes em espanhol e todas têm como sujeito (recuperável pela desinência verbal) a forma *nosotros*.. Tais dados nos remetem à idéia de que o espanhol é uma língua com forte tendência a *ocultar sujetos* - língua (S)VO – e o português a *ocultar objetos* – língua SV(O) – o que também se nota no quadro seguinte.

Quadro III: apagamento do objeto anafórico pronominal em português

1. No seas así, Mafalda. <u>Acceptá el caramelo que Manolito <u>te</u> ofrece.</u>	1. Não seja assim, Mafalda. Aceite o caramelo <u>que o Manolito está oferecendo</u>
2. Está bien, <u>lo</u> acepto.	<u>Ø</u> . Está bem, <u>Ø</u> acepto.
3. Es uno de esos líos que arma la gente grande, así que <u>dejá que lo</u> solucione la gente grande.	3. É uma confusão que os adultos arranjaram, então os adultos que <u>Ø</u> resolvam.
4. Pero cuando los padres no saben cómo <u>explicarte</u> algo, seguro que hay una cigüeña de por medio.	4. Mas, quando os pais não sabem como explicar <u>Ø</u> alguma coisa, com certeza tem alguma cegonha no meio.

No quadro III, é importante ressaltar que, caso os pronomes átonos não houvessem sido omitidos em português, expressariam um tom formal que o original em castelhano não tem. Imaginar construções do tipo “*está ofrecendote/lhe, o aceito/aceito-o, os adultos que a resolvam e não sabem como explicarte(lhe) alguma coisa*” seria inadequado para o tipo de linguagem contido nas tiras, sobretudo por tratar-se de falas espontâneas de crianças.

Quadro IV: orações com mudança de estrutura do espanhol ao português

1. ¿El jardín de infantes es una carrera, mamá?	1. Mamãe, no jardim de infância <u>a gente</u> se forma?
10. Es que en el almacén <u>Ø</u> estamos de inventario.	10. É que <u>o armazém</u> está em balanço.
11. <u>Ir al mercado</u> te inspira, mamá.	11. <u>Você</u> fica tão inspirada quando vai ao mercado, mamãe.
12. ¿Cómo se <u>te</u> ocurren <u>esas frases</u> tan, pero tan originales?	12. Como <u>Ø</u> consegue inventar umas frases tão originais?
13. ¿Qué <u>Ø</u> esperás? <u>Ø</u> Tenés que hacerlos, ¿no?	13. O que <u>Ø</u> está esperando? Afinal, <u>você</u> tem ou não tem que fazer <u>a lição</u> ?

No quadro IV, nota-se que a mudança de estrutura nas traduções para o português contribuem, fundamentalmente, para a ocorrência de dois fenômenos: ocorrência de pronomes na função de sujeito e apagamento dos pronomes objeto. Convém ressaltar que em 3 o sujeito oracional presente em espanhol se transforma em sujeito pronominal em português; em 5, a forma verbal que conti-

nha um pronome objeto é excluída no par em português. Em 1, a idéia de plural de sujeito é expressa pela forma *a gente* que, se não aparecesse expressa nas orações, causaria imprecisão ou ambigüidade.

Quadro V: orações com o mesmo tipo de sujeito

1. ¿Dónde estamos <u>nosotros</u> ?	1. Onde <u>nós</u> estamos?
2. <u>Los del hemisferio</u> norte viven cabeza-arriba. Y <u>nosotros</u> cabeza-abajo.	2. <u>Os do hemisfério norte</u> vivem de cabeça pra cima. <u>Nós</u> , de cabeça para baixo.
11. ¡ <u>Vos</u> y tus vuelos a chorro!	11. <u>Você</u> e seus vôos a jato!
12. Menos mal que <u>uno</u> llega a casa y se olvida del mundo.	12. Ainda bem que <u>a gente</u> chega em casa e esquece o mundo.
16. ¡Mirá por donde viene a enterarse <u>uno</u> de que los indios son comunistas!	16. Veja só como <u>a gente</u> acaba sabendo que os índios são comunistas!

No quadro V, podem-se notar alguns casos em que o sujeito em espanhol aparece em forma de pronome, como se pode ver nos pares 1 e 2, e todos cumprem algum tipo de função enfática - Cabral & Bruno (1997:15); nos pares 4 e 5, à forma *uno*, que se constitui em um caso de *impersonalidad semántica* – Torrego (1998:14), corresponde a forma *a gente* em português, que também imprecisa a idéia do sujeito em tais orações.

Outro conceito, que corrobora preferência do espanhol pelos pronomes-objeto e do português brasileiro pelos pronomes-sujeito é o de *Tema*, definido por Eggins como “ponto de partida da mensagem” (1994:271) ou, segundo Halliday (1997:38), como “o elemento que, em linhas gerais, pode ser identificado como o que aparece em primeiro lugar na sentença”, já que, dentre as orações analisadas, apareceram em posição temática 3 pronomes-objeto em espanhol e nenhum pronome dessa natureza em português, ao passo que, no caso dos pronomes-sujeito, a relação inverte-se: 2 em castelhano e 12 em português.

#### 4. Considerações finais

Independentemente de suas qualidades ou de seu nível de profundidade, este trabalho torna clara a vantagem de se proceder à descrição lingüística de dois idiomas de um mesmo tronco lingüístico, tendo por objeto de análise dois textos que se apresentam em paralelo, sendo o original em espanhol o que motivou a tradução para o português; uma análise contrastiva pode mostrar diferenças nem sempre perceptíveis em situações cotidianas no contato entre falantes de línguas diferentes.

Sobre a descrição lingüística propriamente dita, pode-se dizer que o espanhol tende a explicitar o pronome em função de objeto e a omiti-lo em função de sujeito; por outro lado, que o português tende a explicitar o pronome para essa última categoria e a omiti-lo na função de objeto. Conseqüentemente, o primeiro mostra uma preferência por formas átonas e, o segundo, por formas tônicas.

No português do Brasil, a tendência a explicitar o pronome sujeito pode estar relacionada à constante necessidade de solucionar a ambigüidade da tercei-

ra pessoa do verbo, pois se usam muito as formas verbais de terceira pessoa para referir-se à segunda (você /o senhor/ a senhora), além do uso estendido da forma *a gente*, que também tem sua concordância feita com o verbo na terceira pessoa do singular, no lugar da forma *nós*. No espanhol, por outro lado, há que se ressaltar a quase impossibilidade de usar as formas *él/ella* e seus plurais referidos a seres inanimados e também a prescindibilidade dos pronomes sujeitos caso estes não tenham um papel enfático, de contraste entre pessoas ou de evitar ambigüidade, sobretudo no uso das terceiras pessoas.

Este trabalho não pretende afirmar que, quanto à questão dos pronomes pessoais, o espanhol e o português brasileiro começam a divergir ou, ao contrário, caminham na mesma direção. Pretende apenas chamar a atenção para a necessidade de se pensar que a variabilidade no uso da linguagem está relacionada, na descrição de um sistema, ao gênero em que ocorre. Assim, em textos de outro gênero, é possível que a questão pronominal não se realize da mesma forma que a aqui apresentada, já que cada gênero possui características próprias, o que pode afetar as questões aqui discutidas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBARA, L. & GOUVEIA, C. A. M., 2001: It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. Paper Presented at the 13<sup>th</sup> Euro-International Systemic Functional Linguistics Workshop. University of Brest, July 2001. *Direct Paper 46*. São Paulo: PUCSP.
- BRUNO, F. C. & MENDOZA, M. A. (1997) *Hacia el Español – Nivel Básico*. São Paulo: Saraiva.
- DUARTE, C. A. (1999) *Diferencias de Usos Gramaticales entre Español/Portugués*. Madrid: Numen.
- EGGINS, S. (1994) *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Edward Arnold.
- FANJUL, A. P. (1999) Espacio de la persona en la versión portugués-español: un problema de identidad discursiva. *Estudos Acadêmicos Unibero*. São Paulo.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985) *Introduction to a Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K. (1997) *Introduction to a Functional Grammar*. Second Edition. London: Edward Arnold.
- MAIA GONZÁLEZ, N. T. (1994) *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Linguística da FFLCH/USP. São Paulo.
- SELINKER, L. (1972) Interlanguage. *IRAL*.
- TORREGO, L. G. (1998) *La Impersonalidad Gramatical: descripción y norma*. Madrid: Arco Libros.